

O vazio existencial no homem contemporâneo: em Jean Paul Sartre

The existential void in contemporary man: in Jean Paul Sartre

Lucas Oliveira da Silva¹

Resumo: Este artigo tem o objetivo de elucidar a filosofia existencialista acerca do pensamento de Jean Paul Sartre, tendo como livro base *O Existencialismo é Humanismo*, fazendo referência a alguns aspectos atuais. Por esse motivo, pretende-se falar sobre o vazio existencial no homem contemporâneo, no seu contexto existencial. Mediante o existencialismo de Sartre, Sartre mostra e defende que cada ser humano possui sua liberdade e autenticidade. O homem é responsável por tudo que faz devido à sua liberdade de escolha. Em contrapartida a essa liberdade, esse mesmo homem cria a sua existência genuína na qual de modo muito particular surgir a angústia, que leva ao vazio existencial.

Palavras-chaves: Existencialismo, Vazio, Liberdade, Essência, Angústia.

Abstract: This article aims to elucidate the existentialist philosophy about the thought of Jean Paul Sartre, based on the book *Existentialism is Humanism*, referring to some current aspects. For this reason, we intend to talk about the existential void in contemporary man, in his existential context. Through Sartre's existentialism, Sartre shows and defends that each human being has his freedom and authenticity. Man is responsible for everything he does because of his freedom of choice. In contrast to this freedom, this same man creates his genuine existence in which anguish arises in a very particular way, which leads to existential emptiness.

Keywords: Existentialism, Emptiness, Freedom, Essence, Anguish.

Introdução:

Neste artigo apresentamos uma reflexão de conteúdos de reflexão acerca do homem existencialista, tomando como ponto de partida a obra de Jean-Paul Sartre, que no seu livro “*O Existencialismo é um Humanismo*”, destacando a realidade do homem, enquanto um ser que possui liberdade, mas que muitas vezes se angustia por isso.

Dentro do contexto do existencialismo que tratará sobre a existência humana, os problemas da vida cotidiana de cada indivíduo, o problema da escolha e o problema da angústia, chama atenção para um pensamento contemporâneo crítico, acerca da realidade vivida pelos homens, hoje que seria o Vazio Existencial.

Discutir o vazio existencial do homem contemporâneo: em Jean Paul Sartre, é justamente questionar o que é esse vazio que o homem tem dentro de si; que nada é este.

Isso deve nos levar a pensar como o mundo pode afetar o homem e como ele preenche esse vazio, principalmente nos tempos de hoje, em que o homem está sem sentido e em um

¹ Bacharel em Filosofia pela PUC-Campinas.

vazio profundo, numa angústia amarga, e que só através das suas escolhas pode ajudá-lo a compreender a sua existência e a partir disso dar mais profundidade significativa à sua vida.

Em Sartre o vazio se dá por conta da angústia, por conta que “O indivíduo se angustia porque se vê numa situação em que tem de escolher sua vida, um rumo, sem buscar apoio ou concepção de ninguém” (SARTRE, 1946, p. 8). Esse sentimento de responsabilidade do homem o faz estar angustiado, pois tendo feito as escolhas, agora ele é obrigado a arcar com as consequências de seus atos, sem jogar sobre outros a responsabilidade do que fez ou deixou de fazer.

Tendo em vista a realidade humana, nem sempre as pessoas estão satisfeitas com ela mesma porque sempre querem ir além de seus limites. Isto significa que o homem sempre está evoluindo em sua vida.

É de extrema necessidade que o homem para poder se compreender e saber o que é o seu vazio existencial, ele necessita primeiramente reconhecer a sua própria finitude, que é o nada que está em seu interior e que muitas vezes são incapazes de encarar através do medo.

1 A condição do homem existencialista

Sartre vai dizer que “mesmo que Deus não exista, a um ser que precede a essência, tem um ser que existe antes mesmo de poder ser definido por algum conceito e esse ser é o homem” (SARTRE, 2014, p. 25).

Ao refletir sobre a condição do homem, Sartre mostra a concepção cristã e ateia. A ideia cristã de que são aqueles que acreditam na supremacia de Deus, aquele que dá a vida e cria todas as coisas. Já na concepção ateísta onde não se acredita em um ser criador Sartre vai de encontro com a figura que ele quer mostrar que é o homem, que não possui um a priori, mas que tem a sua existência precedida pela essência. Melhor dizendo: o homem é o único ser que existe antes de sua essência.

O homem primeiramente ele existe, conhece-se, descobre-se, manifesta-se no mundo, e só depois ele se define, em outros termos, ele é em primeiro lugar “nada”, só depois será o que quer e o será em concordância com o que projetou para si.

Quando o filósofo diz que “o homem é condenado a ser livre” (SARTRE, 1973, p. 15), quer mostrar que estamos condenados, porque não nos criamos, não escolhemos nascer no mundo, nem escolhemos como nascemos. Isso direciona o homem a entender que seus projetos pessoais estão ligados a ele mesmo, sem interferência externa, por isso, todo esse movimento de ser livre, está ligado ao sentido da vida, pois o sentido que damos à vida faz parte da nossa liberdade de escolha, e não podemos fugir disso. No entanto, temos que assumir com

responsabilidade as nossas ações que parte do pressuposto das nossas escolhas, visto que ninguém é responsável pelos nossos atos.

Ao aprofundar esta questão, veremos que a natureza do homem está intrinsecamente ligada às escolhas que ele faz. A partir do momento em que o homem é lançado ao mundo, ele não possui essência, quer dizer, ele é o não ser. Durante o tempo de sua trajetória, vai tomando consciência de sua existência, e vai se construindo e almejando o que ele deseja ser.

Nota-se que o homem não é um ser acabado, um ser determinado, mas ele sempre está em construção, pois se ele fosse um ser acabado, então seria algo, ou seja, ele seria um Ser Em-si, e o homem só começa a ser isso, a partir do momento em que ele é jogado no mundo.

O Ser Em-si, é aquilo que existe, está no mundo e possui uma essência, uma definição. Um exemplo seria a cadeira: é um objeto material que tem a sua manifestação de modo objetivo. Sartre, então, refere-se ao ser Em-si, como o ser é o que é. Sendo assim, o ser humano não pode ser definido como ser em si, pois o existencialismo do filósofo francês exclui a possibilidade de uma natureza humana, de uma essência, como um projeto preestabelecido, antes da nossa existência. Por isso, homem é o “Ser Para Si”, não possui uma existência preestabelecida, mas está inserido em um tempo e espaço histórico. E esse movimento de tempo vai mostrando a própria existência do homem, que não possui uma essência definida.

Assim, a existência e a condição do homem vão se mostrando existencialistas, onde o homem é livre e que possui liberdade para fazer o que bem entende. Podemos ver na frase a seguir como Sartre define um homem existencialista: “o homem é, não apenas como se concebe a partir da existência, como se quer a partir desse ela de existir, o homem nada é além do que ele se faz que ele se constrói” (SARTRE, 2014, p. 25).

O homem, sendo um ser, livre, possui sua liberdade, faz as suas próprias experiências de escolha e, por isso, é capaz de construir-se de maneira autônoma e deliberadamente. Suas escolhas, automaticamente, fazem com que o homem livre assuma totalmente a sua responsabilidade e suas consequências, primeiramente para ele mesmo e, depois, para todos os outros. “Eu quero resignar-me por todos, consequentemente minhas escolhas envolvem a humanidade inteira” (SARTRE, 2014, p. 25).

Sartre fala de ser livre e ter liberdade ele parte de um pressuposto das ações de escolher, pois o homem tem consigo um desejo consciente de suas escolhas. Ou seja, quando o homem tem a oportunidade de escolher, ele precisa ter em mente primeiramente que este ato é individual e que para Sartre o individualismo é a liberdade de suas escolhas. Isso significa que o homem é colocado no domínio do que ele é e, depois, sobre suas costas é colocada a responsabilidade de sua existência. Não existem princípios pré-existentes que orientem as escolhas humanas.

O homem é antes de qualquer coisa um projeto que se vive subjetivamente, nada existe anterior a este projeto. Ele será o que ele tiver projetado e não o que ele quiser ser. Para isso, é necessário destacar que há dois tipos de subjetivismo: a escolha do sujeito individual por si só; e o outro a impossibilidade para o homem superar a subjetividade humana (SARTRE, 1946, p. 6).

A subjetividade do homem nos mostra que ele pode escolher por si mesmo e pode escolher a todos, porque, para Sartre, não há nada nas ações do homem que ele não possa ser, e não querendo ser, ele não deve criar uma imagem do que ele acha que deveria ser, pois se não estaria usando uma máscara para dizer o que ele não é. Nesse caso, o homem nunca pode escolher o mal, porque mesmo que ele escolha o mal, a sua escolha seria um bem (SARTRE, 1946, p. 5).

Na situação do homem ateu, chamado de homem existencialista pelo autor, é aquele que não possui um ser divino, um Deus para se apoiar, vemos o quanto o homem é importante para poder se realizar e se construir e que é mediante a sua responsabilidade que gera a angústia e o vazio existencial.

2 A relação do homem contemporâneo com o mundo

É preciso, inicialmente, entender a relação entre o homem contemporâneo e o mundo presente, isto é, o século XXI, que é marcado por muitas questões influenciadoras.

O pensamento de Sartre reflete a preocupação, dita “existencial”, de que o homem, posto no mundo pela sociedade, política, família, educação, ou hábitos adquiridos, está sempre, não num corredor estreito, ou num curral, mas numa encruzilhada de múltiplos caminhos. A escolha, pelo ser humano, dentre os vários caminhos, deve revestir-se da responsabilidade de uma opção, atuante, participante, por mais quesito possa parecer inquietante, ou incômodo (Gois,2007, p.12).

Na trajetória da vida, podemos notar que o homem sempre está exposto a sociedade e que a sua jornada de constituir-se a si mesmo, sempre será feita de escolha, e que diante dessas escolhas, sempre vai haver um vazio interior, uma angústia, fruto dessas escolhas e de seus valores. Não existe para o homem apenas um caminho, mas sim vários, por isso, a responsabilidade dele de se conhecer e escolher corretamente.

É a partir do pressuposto da escolha e dos valores que precisamos saber como temos orientado e conduzido a nossa existência e a nossa essência. Tomando esses elementos é que Sartre no seu livro de 1946, O existencialismo é um Humanismo, vai dirigir os passos para uma compreensão do mundo contemporâneo.

Partindo do pressuposto de liberdade e valores para Sartre:

(...) aparece, no existencialismo, quando o sujeito toma consciência de que pode mudar sua ação (seus valores), pois esta é resultado de sua liberdade, ou, melhor dizendo, sua ação é sua liberdade. Isso significa dar-se conta de que o conjunto de possíveis que aparecem diante de si quando um sujeito está em situação de escolha é produzido pela condição desse sujeito no mundo, na qual ele está intimamente

implicado. As possibilidades de escolha não são, para Sartre, dadas de saída, mas são colocadas pelo sujeito a partir de seus valores, de sua posição no mundo, do que o autor chama de seu projeto (SARTRE, 2007, p. 557).

A liberdade do homem para Sartre não é a mesma do liberalismo atual, que vem de um *a priori* já formado, isto é, já transmite para o homem um pensamento formado. A liberdade que realmente o autor mostra consiste na livre ação de escolha do homem, sem o *a priori*, sem coisas determinadas. Os indivíduos escolhem segundo o seu valor e sua liberdade. O mundo no qual vivemos faz com que precisemos escolher o que é bom e o que é mau.

A atual sociedade é marcada pelas coisas e relações efêmeras, que passam, que não trazem um verdadeiro significado, um sentido para a vida do homem. Dentro desses produtos efêmeros, principalmente no tempo atual existe a tecnologia, um exemplo o celular na qual convergem as mídias sociais induzem o homem ao vazio, e isso ocorre pois existe uma vontade imensa de querer se igualar ao outro, que o homem acaba perdendo a alteridade, isso leva para uma sociedade medíocre que se reveste de uma máscara da felicidade e prazer, onde de fato não está nada bem e nem feliz. É diante dessa máscara que o homem perde o sentido e a esperança de sua vida. E segundo um Reginaldo:

Na formação dessa sociedade complexa e multicultural que está gradativamente mais ao alcance de todos pelas redes de comunicação existem vários aspectos que influenciam em como o indivíduo compreende sua existência, seu ser no mundo e no modo como se relaciona com as pessoas neste mundo (Reginaldo, 2015, p.110).

Dentro do parâmetro de mundo, nota-se que o homem contemporâneo exhibe sintomas de depressão, ansiedade antecipatória, vazio, vício e stress e esses sintomas vão existir justamente por conta da busca de uma realidade que não condiz com aquilo que o ser é e quer estar, e implicando em uma crise existencial, que pode começar por um conflito de valores, por uma questão existencial e por um conflito de consciência.

Há um interesse por parte da filosofia, porque o homem é um ser que nunca está satisfeito; sempre inquieto, que busca confortos como bens materiais ou bens simbólicos apenas para acalmar seu interior. Portanto, podemos dizer que é uma busca cega para preencher seu vazio.

A falta de sentido da vida provém da incapacidade do ser humano se autoconhecer e de agir como ser pensante e autônomo. Ao não perscrutar e analisar sua existência e seu mundo interior o indivíduo torna-se incapaz de dirigir sua própria vida (Aires, p.2010).

É notável que exista uma característica muito forte no homem contemporâneo que é a uma busca incessante para destruir a sua solidão, pois não consegue ficar sozinho, é sempre agitado, procurando fazer barulho para não se sentir sozinho.

Na trajetória de vida dos indivíduos, faz-se presente a frustração, já que muitos não conseguem concluir as ações que planejaram e, por isso, acabam se frustrando. Entretanto, tal frustração se dá, porque eles não compreendem a si mesmos e nem os seus limites, tornando-se infelizes.

Outro grande problema é o medo de estar consigo. O homem contemporâneo não consegue se sentir bem ao se perceber sozinho, porque o conhecer-se a si mesmo, muitas vezes não é trabalhado de maneira correta, é muito difícil você perguntar para uma pessoa quem é você, automaticamente ela irá fazer um silêncio sombrio, pois muitas vezes é difícil falar de si mesmo, por isso, é mais fácil ficar falando do que procurar o silêncio para refletir sobre si mesmo.

Todas as condutas que foram ditas acima são apenas modos e meios utilizados para suprir o vazio que existe no homem. E essas escolhas que são feitas, usando a liberdade que lhe foi concedida, de tal modo que fará surgir a angústia que é própria da responsabilidade de ter de escolher por si mesmo.

O homem já se encontra em uma grande luta para se autocompreender, e para ter um auto entendimento sobre si mesmo. Tudo isso, claro, que ocorre pela influência da sociedade na qual o homem fora lançado, nessas condições podemos dizer que é o perfil do homem contemporâneo.

3 A falta de sentido que causa o vazio existencial

A liberdade de escolher e de poder formular bons resultados para a vida, esta de acordo com a seguinte frase de Sartre, “Antes de começarmos a viver, a vida, em si, não é nada, mas nos cabe dar-lhe sentido, e valor da vida não é outra coisa senão este sentido que escolhemos (SARTRE, 2014, p. 59).

Na modernidade é notável o comportamento do homem quando se trata de si mesmo. Hoje as pessoas não sabem mais o que significa autonomia, existe uma grande perda de autonomia e um grande ganho na dependência do outro, onde a figura do outro é mais interessante, então o homem acha que é “melhor viver a vida do outro do que ter que viver a sua própria história, sua realidade”, tendo em vista que a vida do outro tem mais sentido. E expõe seus sentimentos de alegria, medo, esperança, como se não fosse nada e esses sentimentos, são movidos apenas pela exterioridade. A pessoa de fato não sabe ao certo o que está sentindo.

Sendo o vazio existencial – que é o Nada – coloca o ser e a consciência em questão, visto ser a falta de algo. Com isso, causa um medo no homem, uma indefinição e um desespero por ter que enfrentar a si mesmo.

Tendo em vista apenas as suas preocupações, o homem corre o risco de cair na tentação de passar o tempo todo reclamando da sua vida, vivendo, como resultado, uma vida sem sentido, uma vida monótona, que se torna, apenas, uma rotina corriqueira, sem valor e sem sentido.

Essa falta de sentido que vai se aderindo à vida é resultado justamente da incapacidade de autorreflexão de si mesmo e da falta de agir coerentemente com a sua razão. Devido a esses atritos da vida, o homem perde o desejo de pensar no seu mundo interior, perde a potencialidade de viver a sua vida.

Na entrevista que Sartre concedeu a Benny Lévi, o filósofo apresenta que: “havia no desespero uma imagem lúcida do que era a condição humana” (SARTRE, 1980, p.18). O autor quer mostrar que o desespero, devido à falta de sentido, de objetivo, de finalidade, torna-se parte da vida do homem, isto é, o sentido da vida dele está entrelaçado a um sentimento, a percepção, que não se tem certeza, ou, uma garantia de que o projeto feito pensado pelo ser, é confirmado.

Tendo em vista esse contexto em que o homem já não olha com um olhar crítico sobre a sua própria vida, o existencialismo vai ajudar de uma maneira muito especial, principalmente partindo do pressuposto das obras de Sartre, a repensar a caminhada da vida, e ver o que é necessário ser refletido para que haja uma melhora.

O conhecimento de si mesmo implica em reconhecermos a nossa própria finitude. É o Nada, que está em nosso interior e que não somos capazes de encarar, que nos aniquilará. O que falta ao homem é consciência de sua facticidade. Estamos lançados no mundo como um barco sem rumo (CONTEMPORÂNEO, p. 2017).

É intrigante notar que no existencialismo de Sartre vai surgir o “ser em si”, e o “ser para si”. Nota-se que na filosofia sartriana o homem não é um ser em si, pois ele não é um objeto inanimado, como as coisas do mundo. O homem de fato é o “ser para si”. Porque possui consciência de si mesmo. A falta de sentido na vida perpassa pela consciência de si mesmo, que é a falta de reflexão, para se viver de uma maneira melhor e com autonomia.

Também a falta de sentido da vida passa pela consciência de liberdade, como expõe Sartre (SARTRE, 1997, p. 72): “É na liberdade que o homem toma consciência de sua liberdade [...] na angústia que a liberdade está em seu ser colocando-se a si mesmo em questão”.

Embora o autor entenda que os homens devam ter responsabilidade pelas suas escolhas, mostra-nos que os indivíduos não querem assumir tal responsabilidade de seus atos, por isso, eles sempre pendem para o ficar nas costas do outro, quer dizer, preferem que os outros

escolham para ele, porque é mais viável e preferível. Quando isso ocorre, de homem não querer escolher e sim jogar a sua responsabilidade para outro, Sartre diz que é má-fé, dada a incapacidade e escolher para o seu próprio bem.

O filósofo se aprofunda nesse tema, afirmando que os indivíduos veem as situações ao seu redor com um olhar pessimista, aceitando tudo na vida sem criticar, utilizando-se do pensamento comum de que aquilo é a vontade de um deus, por isso, está acontecendo e não adianta reclamar, já que não poderá mudar o seu destino.

Portanto, o medo e a incapacidade de escolher levam o homem a uma falta de sentido, a um vazio existencial, a um nada, no qual esse nada é o não-ser, é o não se realizar, é o cansaço, é a fraqueza de não querer lutar mais pelo sentido de sua própria vida.

(...) principalmente o enaltecimento do valor econômico e da autonomia do indivíduo na modernidade e nas realizações ainda em marcha na epocalidade histórica, o homem migra da dimensão do ser para a dimensão do ter, da esfera material (FOUCAULT, p.387-394, 2010).

Esse processo de não refletir sobre o seu ser na modernidade é a causa de tantas confusões interiores no homem, tendo em vista que ele não consegue pensar sobre a sua finitude, mas que ele apenas mira para uma reflexão do ter, aqui de modo direto seria o ter, a materialidade, as coisas externas, influenciada pela sociedade do consumo.

O vazio surge na medida em que o homem não se prepara para ser no mundo e, esse ser no mundo seria o processo de conhecer a si mesmo, em decorrência disso, as frustrações surgem juntamente com uma profunda briga consigo mesmo a respeito de sua própria existência, dando a ele a sensação de que é um ser inacabado, um ser imperfeito.

Pode-se dizer que o mundo coloca o homem diante e si mesmo, com sua realidade nua e crua, com seus medos, felicidades e desejos, e isso pertence ao próprio homem, na sua subjetividade, no ser a si mesmo. Nas tomadas de decisões, o que deve prevalecer nas respostas é o eu de cada ser humano, mas, quando isso não ocorre, o vazio existencial e a falta do sentido da vida tomam conta do seu ser, do seu eu.

4 Qual é o sentido que o homem contemporâneo tem para preencher o vazio existencial?

A vida se baseia no pressuposto da escolha, ou seja, viver é uma escolha e se baseia nessas escolhas que todo ser humano faz e que vão caracterizar a sua essência. Para Sartre (SARTRE, 2014, p. 27) “pelo fato de uma pessoa escolher a si mesma, sua existência, ela escolhe por toda a humanidade, isso significa que as escolhas podem afetar o mundo, a sociedade em que vive”.

Sendo assim, as escolhas feitas pelos homens causam uma angústia, um desespero neles mesmos, pois tais escolhas trazem, também, um sentimento de responsabilidade que faz as pessoas perceberem que são responsáveis pelos seus atos e conseqüentemente, por aquilo que talvez uma suposta pessoa possa imitá-lo. É uma agonia do próprio homem não saber se o que ele projetou vai realmente dar certo ou não, pois sua escolha pode falhar a qualquer hora. Por isso, Sartre (SARTRE, 2014, p. 33) usa a famosa frase “o homem está condenado a ser livre”.

O homem é um “ser para si” que tenta dar sentido a si mesmo ao longo da vida, porque é livre, questiona-se e procura saber da sua própria existência. Por isso está em constante movimento, porque está sempre correndo quando dá sentido a tudo o que faz, e assim se constrói.

É interessante notar que no existencialismo sartriano a vida não vem com um sentido dado. Ela não é um *modem* no qual todos os seres humanos têm que se encaixar e ter uma vida específica. O sentido da vida é algo que deve ser escolhido por cada um, e principalmente deve ser criado por cada homem.

Sartre mostra em sua obra que o homem, a cada dia de sua existência, deve se inventar e se reinventar na sua trajetória de vida. Dessa forma, ele deve ter convicção de que a vida é plena de sentido, independentemente do que ele faça.

Tudo isso atribuirá um sentido, um novo significado para a sua essência e sua existência e o ajudará a caminhar o seu ser, o seu modo de ser, porque o sentido da vida é relativo, ele pode ocorrer de pessoa para pessoa, de dia e de horas, não é algo que você determina agora e tudo será como você fielmente acredita.

Cada escolha que o homem faz e cada experiência vivida reflete um desejo, um sentimento, valores e tantas outras coisas relacionadas ao particular de cada um. É nessa perspectiva de experiência e escolha que estará o sentido de viver, o sentido que cada ato realizado vai dar para a sua existência.

Isso mostra que os seres humanos cotidianos têm significado nas coisas que fazem. Quando a atividade que uma pessoa faz deixa de lhe dar sentido, ela cai em um vazio existencial, pois mesmo exercendo diversas funções, coisas, etc., ela não se localiza e não se sente em seu centro.

Por isso, a liberdade e a autenticidade de cada ser humano são essenciais. Não obstante, a angústia que tal liberdade pode nos trazer gera um sofrimento. Sartre chama de má-fé a atitude daqueles que, renunciando à própria liberdade, assumem um papel pronto na sociedade; aqueles que não são sujeitos da sua própria vida e sim objetos, isto é, tornam-se boneco de marionete dos outros.

Não existe uma fórmula clara e certa de lidar com o vazio existencial, a não ser a própria pessoa escolher fazer as escolhas da sua vida. Para isso, é preciso olhar para o seu interior, para o ser e se questionar sobre o que faz sentido ou não para a sua vida. Esse ato é o horizonte de sua história de sua vida.

É nesse sentido que Sartre mostra sobre a escolha, “na qual cada ser humano tem o direito de escolher, e escolher isto ou aquilo é afirmar, ao mesmo tempo o valor que o homem sempre procura escolher, e nessa escolha ele nunca escolhe o mal, mas sim sempre o bem, e nada é bom para nós, a menos que seja bom para todos.” (SARTRE, 1978, p. 7). A cada processo de escolha que o homem faz, ele é plenamente responsável tanto pelo seu fracasso como pelo seu sucesso.

Dessa maneira “a escolha é possível em um sentido, mas o que não é possível é não escolher. Eu sempre posso escolher, mas tenho que saber que se não escolho, isto também é uma escolha” (SARTRE, 2014, p.51).

Tendo em vista o contexto do escolher, Sartre mostra como funciona o processo de escolher, todos seres humanos podem e é livre para escolher o que bem entende para a sua vida, contudo quando o homem não opta por nenhuma escolha, isso demonstra uma escolha, ele não tem por onde ir, a escolha esta encarnada na realidade humana, sem nenhuma chance de não escolher.

O homem, para poder se compreender em que consiste o seu vazio existencial, necessita primeiramente reconhecer a sua própria finitude, o nada em seu interior o qual e que muitas vezes é incapaz de encarar. Sartre apresenta que a excelência da existência é fundamental no ser humano, pois é aquilo que ele traz consigo; são suas angústias, seus vazios que o tornam o que ele é.

Ainda para o autor, “A existência precede a essência” (SARTRE, 2014, p. 23). Em outras palavras, seria o homem, sendo substantivado como um nada, é colocado no mundo, em um local, na sociedade, sem nenhum rumo, por essa razão, é necessário aparecermos na vida, existir; e é a partir desse ponto que há desenvolvimento. É por causa da existência que o Nada vai aparecer no mundo, pois o homem vai sempre se questionar sobre o Nada de seu ser.

Não se pode viver uma vida de desamparo, como diz Sartre, desviando de suas responsabilidades e de suas escolhas, jogando a responsabilidade de seus atos e ações na sorte da vida ou nas pessoas. Suas escolhas devem ser necessárias para poder definir a sua existência e a sua essência.

A sociedade, muitas vezes, está marcada por essa característica do desamparo e da má-fé. Isso é uma atitude hipócrita. Na política, por exemplo, um governo que já é ultrapassado, e

o outro que se torna legislador, sempre ocorre o ato de atingir o seu adversário para não corresponder com as suas responsabilidades, então fica-se no impasse de quem é corrupto ou não. Isso apenas mascara esse vazio, e essa angústia, onde automaticamente, as pessoas que tomam essa estirpe de pensamento estão vazias de si mesmo, não se conhece, e não tem autonomia nenhuma para poder exercer um cargo, que se trata de cuidar de outras pessoas.

O vazio existencial no homem contemporâneo é algo que deve ser refletido e meditado a cada dia. Sartre chama a nossa atenção ao afirmar que “Não somos aquilo que fizeram de nós, mas o que fazemos com o que fizeram de nós” (SARTRE, 2014, p. 42).

Essa ideia importante para terminarmos esse artigo, nos chama atenção para a subjetividade do homem, que é o próprio ser de si. De fato, tudo aquilo que ele faz de si mesmo é responsável pela condição de desenvolvimento de sua essência, visto que ele é plenamente responsável por todos os seus atos.

É preciso, no mundo em que nos encontramos pleno século XXI, termos autenticidade, sermos originais em nós mesmo, sem colocarmos a culpa de nossos atos nas pessoas ou em Deus. Ser autêntico é ter um posicionamento no mundo, caracterizado por boas escolhas, sempre lembrando que quando escolho, as minhas escolhas interferem no meio em que vivo.

É também partindo da certeza da finitude de cada homem que se deve procurar dar um sentido para tudo o que faz na vida. Por isso, uma comentadora de Sartre vai dizer:

O homem, mergulhando no seu vazio, investigando sua herança tanto no mundo ocidental como no mundo oriental, termina em busca de si mesmo. E o que ele acha? O que, afinal, ele descobre? O vazio! Mas agora esse vazio já está repleto de novas descobertas, sentimentos e vivências únicas e originais que antes ele não possuía. Pode parecer ambíguo e contraditório afirmar que o homem descobre que seu vazio está cheio – mas esta é a realidade de quem se propõe a se aprofundar na emaranhada natureza de ser o que é e quem é (Maria, p.33.2011).

O vazio sempre vai estar lá, pois ele caracteriza o ser humano, a sua dignidade de pessoas livres e responsáveis por si mesma, tendo sempre que agir segundo a sua própria vontade e responsabilidade, assumindo as suas consequências.

O homem sempre terá a capacidade de refletir sobre si mesmo, por isso, o vazio encontre um aspecto de ser preenchido de uma forma ou de outra. Por isso, o homem deve sempre olhar para si, e lembrar a responsabilidade de tudo que ele faz é dele mesmo, e sua personalidade deve falar mais alto, tendo em vista um amadurecimento completo de si mesmo.

O filósofo vai mostrar, justamente isso, quando ele diz, “o homem precisa encontrar-se com ele próprio e convencer-se de que nada poderá salva-lo de si mesmo, mesmo que houvesse uma prova incontestável da existência de Deus” (Sartre, Petrópolis, 2014).

Tudo isso, faz parte da condição humana, onde deve haver uma abertura da parte dele, para uma boa compreensão do lugar que ele está e onde vive, tendo em vista que tudo isso engloba o sentido que ele dá as coisas da vida.

Ao longo do artigo é perceptível que a explicação do vazio que está no homem perpassa pelas responsabilidades de escolha de cada ser humano. Não se pode deixar de uma maneira, concreta o exterior influenciar o interior, embora muitas vezes é quase impossível, mas deve haver justamente o conhecimento de si mesmo, para poder evitar as influências externas.

Por fim, os questionamentos deixados nesse artigo ficam como provocações num tempo em que as pessoas estão passando por momentos cada vez mais complicados, como depressão, ansiedade e o próprio vazio existencial. É necessário conhecer a si mesmo, para lutar contra esse vazio o nada, que consiste na existência e essência do homem.

Considerações Finais:

Nesse artigo, é reafirmada a importância do assunto abordado, visto que o mesmo pode impactar fortemente na maneira de compreender e conviver com o outro diferente de si mesmo. Tendo como base o pensamento do filósofo Jean-Paul Sartre que proporcionou uma pesquisa séria acerca do vazio existencial no homem contemporâneo, em sua obra conhecida como *O Existencialismo é um Humanismo*, é notável o quanto a sua vida tem influência nos escritos de Sartre.

As informações e dados apresentados neste trabalho ajudam de forma significativa no campo de estudo, se talvez pudéssemos dizer que até mesmo a psicanálise, assim como Sartre, tem um capítulo no seu livro *O Ser e o nada*, que trata dessa perspectiva. Sendo assim, o tema do vazio existencial, é um tema intrigante pois, ele tem muito a ver com o homem contemporâneo, o filósofo não se limita a uma visão cristã, mas utiliza de um panorama ateu para poder responder como o homem preenche o vazio existencial. E procura mostrar como a falta de sentido e o sentido da vida é importante para preencher o vazio existencial, sem estar preso a uma matéria, mas o que aquilo que o homem ao longo da sua vida faz.

Os conteúdos aqui apresentados podem caracterizar muitas outras pesquisas que ainda podem ser realizadas sobre o Vazio existencial no homem contemporâneo, devido à atualidade do conteúdo, pode proporcionar fecundas reflexões sobre o si mesmo partindo de um pressuposto filosófico.

Referências:

AIRES, Michel Aires de Souza Dias: Sartre e a Origem da Angústia. *Filosofonet*, [S. l.], p. 1-8, 10 out. 2010.

D`ANGELO, Martha. *Pensadores Contemporâneos* Vol. 3 - Coleção Saber Fazer Filosofia. 4.ed. Aparecida: Ideias & Letras, 2010.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. tradução de Raquel Ramalhete.38. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

SARTRE, Jean, Paul. *O Existencialismo é um Humanismo*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

OLIVEIRA, Renata Pires; SILVA, Rosangela Maria. O vazio existencial: em Busca do Sentido da Vida. *AUM MAGIC*, 20 set. 2011.Disponível em: <http://aumagic.blogspot.com/2011/09/o-vazio-existencial-em-busca-do-sentido.html>. Acesso em:16 set.2022.

PERDIGÃO, Paulo. *Existência e Liberdade: umas introduções a filosofia de Sartre*. 1ªEd. Porto Alegre: L&PM, 1995.

REGINALDO, Thiago: O existencialismo em Sartre: subjetividade e sociedade do conhecimento. *Filosofia e Educação*, Campinas, v. 7, n. 1, p. 109-114, 2 maio 2015.